

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do Jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA**

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photograzura, zincografia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1904

NUMERO 52



O OUTONO

Chegou o outono e vai chegar o frio. Já caem as folhas das arvores e os passaros morrem como os pobrezinhos de antes; agora o sol não apparece para esquentar os dias pardos e melancolicos do outono, velho e entristecido que desapa as arvores e mata as avesinhas. E' precioso do inverno de horrores e de tempestades; é a época em que se recolhe toda a gente á cidade, tudo como q' a animação. E' no entanto os campos ficam abandonados, começa a chover, perdem-se sem-

teiras, tudo desalicate, as fructas e as flores, e o velho outono vai varrendo a folhagem e vai annunciando os invernos. Acabam as estaladas haitas e os theatros abricam as suas portas. Com o outono vem as alegrias para as cidades, á luz do gas, e se tristezas para as campinas, que se enchem de desolação.

CHRONICA

Ao fim d'um anno

Chegou o outonno; amarelleceram já as folhas das arvores e entraram a cair; morre muita gente e fazem-se exposições de chrysantemos, as flores sem cheiro, algumas de lindo typo, outras spondonhas, arripiadas, quasi extranhas, as flores dubias como dubio é o outonno. Vão chegar os frios e as lojas da Baixa já os annunciam com os seus grandes letreiros de liquidações. A liquidação é o fim da estação de prazeros, entra a vender-se tudo mais em conta e ninguém lhe pega. Ha dias, diante d'uma vitrine muito enfeitada onde um figurino se especava lirtio e envorgado n'um fato de tennis, um janota meditava.

Era alto e louro, vestia um casaco inglez, tinha na cabeça um panamá, o ar forte d'um *sportsman*, o olhar activo d'um vencedor.

Decerto estava preso na elegancia d'aquelle traço, decerto calculava como lhe ficaria bem. Um amigo baten-lhe no hombro, elle volveu-se, apertou-lhe a mão e sorriu.

—Que fazes aqui?! Hein, conquista?!

E n'um tom de tristeza, olhando o fato e olhando o amigo, respondeu:

—Não... Lembrava-me que deviam vender por este preço um fatiño d'inverno...



A EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTEMOS NA PRAÇA DO PRINCEPE REAL—EXAMINANDO AS FLORES



A EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTEMOS NA PRAÇA DO PRINCEPE REAL—UM ASPECTO

Não ha duvida que o inverno vai chegar dentro em pouco. Já desapareceram as fructas cheias de vida, polpudas e coloridas, e ficaram as fructas secas, coisas de todo o anno; já se distribuem prospectos nas ruas annunciando as celebridades estrangeiras e o vinho novo, as peças originaes e a aguarpe. Depois já se apreçoam castanhas e as castanhas são a fructa de inverno.

Logo que cae uma chuva rompe a castanha. De verão ella não apparece a sobrezeza nem se fala em scenas de pugilato. Agora já os pugilatos, os ducllos, as sovas, os ataques á mão armada são fructa de tempo, não são no estrangeiro onde todos os dias ha gente que se mata no campo da lieta, mas tambem entre nós onde todos os dias os jornaes falam de bofetadas que se trocam entre dois homens conhecidos, de manfões que atacam desgraçados á paulada, de esperas feitas na volta de uma rua, de discussões nas escuras que entroveicam os ares, e sabese de criticos que se preparam para desancar as peças. E os homens atravessam essas ruas, um pouco inclinados para diante, os barretes encafuados, os cestos a tiracollo fumegando e cheirando bem, arrancando das gargantas o pragão:

—O' quentes e boas! Vá lá castanha boa!

E enquanto as castanhas vão ajudando a viver estes, vão matando outros, n'uma duplicidade que começa a ser caracteristica da vida nacional. Entre nós essa começa agora; na castanha começou

na hora em que o fructo caiu do alto d'um castanheiro do Paraizo a fazer um gallo na cabeça fraca de Adão. Através dos tempos conservou-se o facto e d'ahi vem talvez a expressão de apunhar castanha.

Mas, apesar de tudo, o fructo é logico, mais logico que o tempo, que os acontecimentos e que os homens. Ven com os frios, E' para aquecer. E assim dispensa o alcool e os gal'ões d'Aveiro...

O outonno trouxe alem de tudo isto muitas novidades, trouxe a linha electrica para a Estrella, a queda do ministerio, a ordem dos Seraphins para o sr. Hintze e uma loja de pedras falsas para o Chiado.

Já havia muita coisa falsa, agora appareceram as pedrarias. Se já não se distinguem as marquezas das costureiras, agora ainda menos. Os trajos são os mesmos, as pedras vão ser parecidas, tão parecidas como nua gotta d'agua pura com uma gotta de agua salobra. Já não basta vêr para crer, carece-se d'um certificado da loja e quem tiver pedras boas deve usal as trazendo bem visivel o recibo de ourives e reconhecido pelo tabellião.

E nós mandaremos registrar o facto, guardalohemos nas nossas paginas, como justamente deseja ha um anno registamos toda a vida portugueza.

A *Illustração* completa um anno com o presente numero e, apesar de estarmos no outonno, chegamos maior força e maior vida, graças ao publico e aos collegas a quem somos gratos, bem como aos nossos amigos e collaboradores.

ROCHA MARTINS.



A EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTEMOS NA PRAÇA DO PRINCEPE REAL—OUTRO ASPECTO



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O ATAQUE NAS AVANÇADAS DE CHU-JO

Corpo a corpo, armados até aos dentes e como leões cheios de ferocidade, os russos e japoneses encontraram-se em Chu-ko. De lá muito que dura a guerra, e aliá é já uma epopéia terrível de mortes, e já a tragédia do século, e mais estranha, e mais desoladora. Os russos n'essa manhã do Chu-ko tinham bivocado, iam descan-

çar após alguns dias de marchas forçadas, vigiados por um posto avançado que fora collocado n'um entroncheamento distante. Sobre esse posto lançam-se os japoneses em grupo, arrancam das espadas, ferem, travam-se um bravo tiroteio, depois uma luta corpo a corpo, que terminou d'uma bem terrível maneira. Os inimigos que

a maior parte das vezes se foram encontrarão á distancia do alcance das suas espingardas e das suas carabias, ao encontrarem-se corpo a corpo redobrarão de furia, e tanto russos como japoneses soffreram numerosas baixas.



A FALLECIDA ACTRIZ ROSA DAMASCENO, POR OCCASÃO DUMAS FESTAS NA SUA QUINTA DE SANT'ANNA, VESTIDA
À MANEIRA DA LOCALIDADE



VILLA NOVA DE TAZEM NAS FALDAS DA SERRA



OS BARROS VERMELHOS



A LAGOA ESCURA



CASA DO OBSERVATÓRIO



FRAGAS DO MALHO

A SERRA DA ESTRELLA - ALGUNS ASPECTOS

A Serra da Estrella pelo seu pitoresco e pela sua grandeza, pela belleza do seu panorama e pela sua altitude sem igual no país, tem merecido não só artigos diversos, mas até livros como o do sr. conselheiro Euzébio Navarro, obra d'arte d'um grande jornalista. E' a serra um poderoso colosso; a sua vegetação é n'uns pontos luxuriante, n'outros rachilica,

tem terrenos e pechavos com barrocas e vales, grandes rampas de barros e altíssimos picos d'onde se goza um sítioes extraordinario. Andam os gados nos bandos pela serra e os pastores acampam ali descendo raramente de villetas que, como a de Tazem, existem nas faldas da serra.

UMA CARTA ACERCA DA SERRA DA ESTRELLA

(Phots. dos sr's. João Thadeu e Pereira de Costa)

Em conselho de rapazes alegres, n'um dia quente de setembro, ao cair dos poentes melancolicos, deliberou-se dar um passeio á região duplamente fria, da Estrella; fria, porque o centigrado desce nas noites lindas em que o sol se apaga sem um grito mais forte; fria porque o aspecto escaldado e triste dos morros gigantes que se acham disseminadas pelas lombas infundias fazem uma impressão forte de tristeza e mixto de terror.



SERRA DA ESTRELLA—CANTARO MAGRO

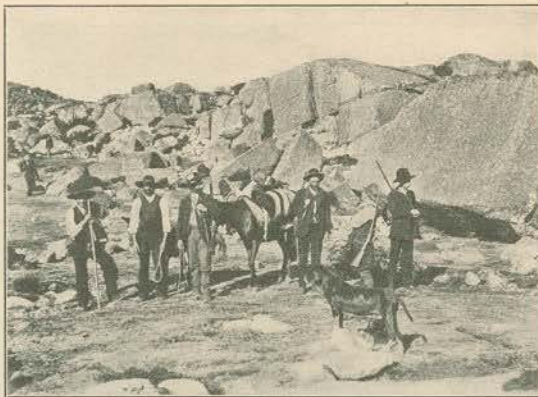
Organizou-se a caravana n'uma segunda feira. Quando nos puzemos em marcha, já o sol punha scintillações cor d'ouro nas coisas que ao longe se nos iam tornando mais distinctas.

Depois de andarmos cora de meia hora por uma calçada íngreme e pedregosa, de tão difficil transito que até a tradição a denomina "dos galhardos", alcançamos enfim o Monte de S. Thiago.

D'aquí já nos era dado ver mais largos horizontes. A esquerda e lá muito distante desfilava o Mondego, já com bastante volume d'agua, serpando por entre pedras pequenas e cantos pausadamente talvez em honra de N. S. da Sedareza, cuja capellita, muito branca, lhe fica ao pé. E na nossa frente, n'um tracto de terreno accidentado e bastante penhascoso ficamos o observatorio.

Antes de chegarmos lá passámos pela Castanheira, valle feracissimo, dividido em casaca que ficavam adjacentes longos tractos de terreno guarnecido com as hastas cortadas do centeio da ultima colheita, da grossura d'um dedo. Por este valle corre o Mondego, em cujas margens, em que a herva cresce á farta, comia com agrado um grande rebanho de cabras e ovelhas.

Aqui apparece-nos já o verdadeiro typo de pastores d'estas serranias. Altos, musculosos, de tez escura, com a barba preta en-



SERRA DA ESTRELLA—A CARAVANA NO ACAMPAMENTO

no tinta, tem os labios firmes, olhos vivos e magestade no porte.

Usam um chapão de grossa lã, de abas largas e na dobra uma borda de côres; um casaco da lã das suas ovelhas não na sua cor natural, calças do mesmo panno e sobre ellas uns safoes de grossas pelles d'alguma rez que porventura o lobo lhes matou; e a cobrir-lhes os pés grossos sapatos semeados de grossas brochas.

Tem os usos, o vestuario, os costumes livres e a occupação dos seus antepassados.

Depois de descansarmos aqui algum tempo seguimos por uma ladeira bastante íngreme, mas livre de pedras, até que alcançamos uma planura rasa que dá a idéa



SERRA DA ESTRELLA—LAGOA COMPRIDA

tram muitos individuos, uns minados pelo terrivel microbio da tuberculose, outros anemicos, e outros ainda predispostos.

Quando chegamos a um dos contrafortes do Cantaro Gordo já o sol ia descendo para o poente.

Os raios do calor que elle durante o dia nos transmitiu perderam toda a energia, e assim foi esta diminuindo até que desapareceu, allargando-se-nos embeber-se nas aguas do mar. Acordou-se pois a passarmos aqui a noite n'este sitio, denominado Barros Vermelhos, para prodigialisarmos a um nosso companheiro, que tom passado a vida inteira no bulicio da cidade enfadonha, o bello e surpreendente espectáculo do pôr do sol.

Veiu a noite com a sua tristeza, com o seu bello infinito. E no dia seguinte ao alvorecer dispuzemo-nos a nova excursão na grandeza da serra.

Dirigimo-nos então para as lagoas. Depois d'uma hora do caminho estavamos na chamada comprida, porque tem a configuração d'um listrão comprido de prata liquida, muito lisa; projectam-se no fundo algumas algas que crescem em roda e as suas aguas escoam-se para uma baixa que dá prolongamento á lagoa. D'aquí seguimos para a lagoa chamada escura, que é a mais bonita de todas as que ha na serra.

Cercam-na, como uma muralha forte da Tartaria, grandes picos, cujas frentes com saliencias e precipicios são escaldadas e nuas, sem vegetação nem arvoredo.

O silencio e a solidão abrem as azas sobre as duas lagoas, porém a solidão da primeira é tão jovial e fascinadora como a solidão da segunda é triste e repulsiva. O que em plena serra nos enche de tristeza muito



SERRA DA ESTRELLA—PONTE SOBRE O MONDEGO PROXIMO Á ESTAÇÃO DE GOUEVIA



SERRA DA ESTRELLA—CANTARO GORDO



SERRA DA ESTRELLA—LAGOA REDONDA

de admiração e espasmo, são os despojavados são as severas barreiras de esterilidade que nunca saem do seu lugar contornando os fortes reflexos da luz para um requebro d'un ramo do arvore ou folha de alguma planta o é sempre, aqui campo raso semeados de pedras miúdas, além picos escarpados cobertos do musgo velho pardacento.

Deixando esta perspectiva severa e triste encaminhamo-nos para o Cantaro Magro.

Antes de chegarmos ali fizemos uma diversão até a torre chamada do Príncipe Regente, mandada erigir por D. João VI para levantamento da carta geographica do Reino, como se vê n'uma lapide.

Tivemos aqui pouca demora, visto que não ha laços de natureza para admirar, pois o padrão levantado em campo raso e descoberto. Demandámos o Cantaro Magro.

E' soutinella gigante d'uma grande planície que se despenrola para nascente.



SERRA DA ESTRELLA: POLGOSINHO — CASTELLO

Era surpreendente e bello esse espectáculo observado em plena serra, longe do povoado, vendo só sobre as nossas cabeças o céu azulado de opata linda e a nossos pés um tapete de relva e a dominarmos como que n'un pozadello o morro gigante do Cantaro Magro, os pontos a serem que servem de guarda ao colosso! Não o sei dizer. Ha coisas que se sentem e não se exprimem.

Tinhamos parado nos sanatorios. E' aqui

tos a quem o mesmo mal affligia; o governo porém nem quiz ouvir o mestre, nem tem attendido ás curas que aqui se tem operado, e que na verdade deveria ser incentivo bastante para obras de resultado mais pratico. Trepamos então n'uma lugare e estreita vereda circumvolvendo sempre o penhasco, agarrados aos picos agudos, para não nos despenharmos para a base.



SERRA DA ESTRELLA: POLGOSINHO — PRAÇAS DO LIRIO



SERRA DA ESTRELLA — TORRE

Ergue-se a uns 500 metros acima do nivel circumjacente. E' um cono escavado e negro, symetrico e cheio de graça—marco proeminente que o em extremo agradável nos olhos enfatiados da repelente monotonia das circumvizinhanças.



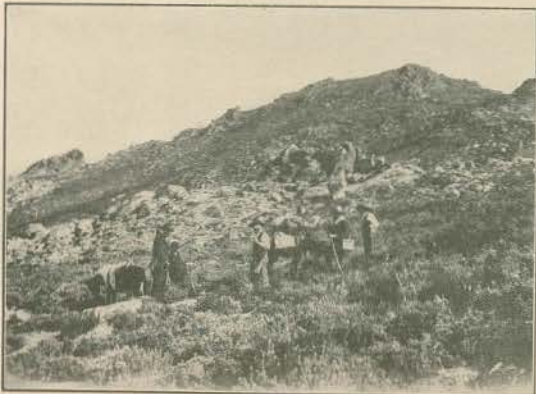
SERRA DA ESTRELLA — NAS MARGENS DO RIO MONDEIRO

que está a Davos-Platz portugueza, como o declarou Sousa Martins, o mestre involuntavel, e foi segundo as suas indicações que algum, a quem a desesperança de cura invadiu, aqui mandou construir a primeira casa. Seguiram-lhe posteriormente o exemplo tantos e tan-

A vista que se descobre da seu mais alto pico é bella. Na orla do extremo sul o nascente vêem-se aldeias brancas e compactas, frouxamente riscadas ao longe, muito longe com as linhas curvas do ostradas e atalhos.

Apreceber as feições salientes d'esta paisagem vista n'um dia de sol claro é assegurar-nos d'um prazer, para gozar o qual vale a pena trepar o penhasco.

Em laixo, no sopé, vê-se deslizar n'um fio d'agua que dá principio ao Zêzete, que segue pelo fundo do valle até Manteigas, onde já leva bastante volume d'agua, pois que constitue por si força matriz bastante para fazer andar a complicada maquinaria das rodas das fabricas de lanifícios da industrial villa de Manteigas. Chegamos finalmente ao acampamento. E pela madrugada do dia seguinte retrocedemos até á nossa pittoresca aldeiaista encravada tambem na fria região da Estrela.



SERRA DA ESTRELLA — A CARAVANA CHEGANDO AO CARFO DE S. THIAGO



SERRA DA ESTRELLA — CABEÇOS DE S. THIAGO



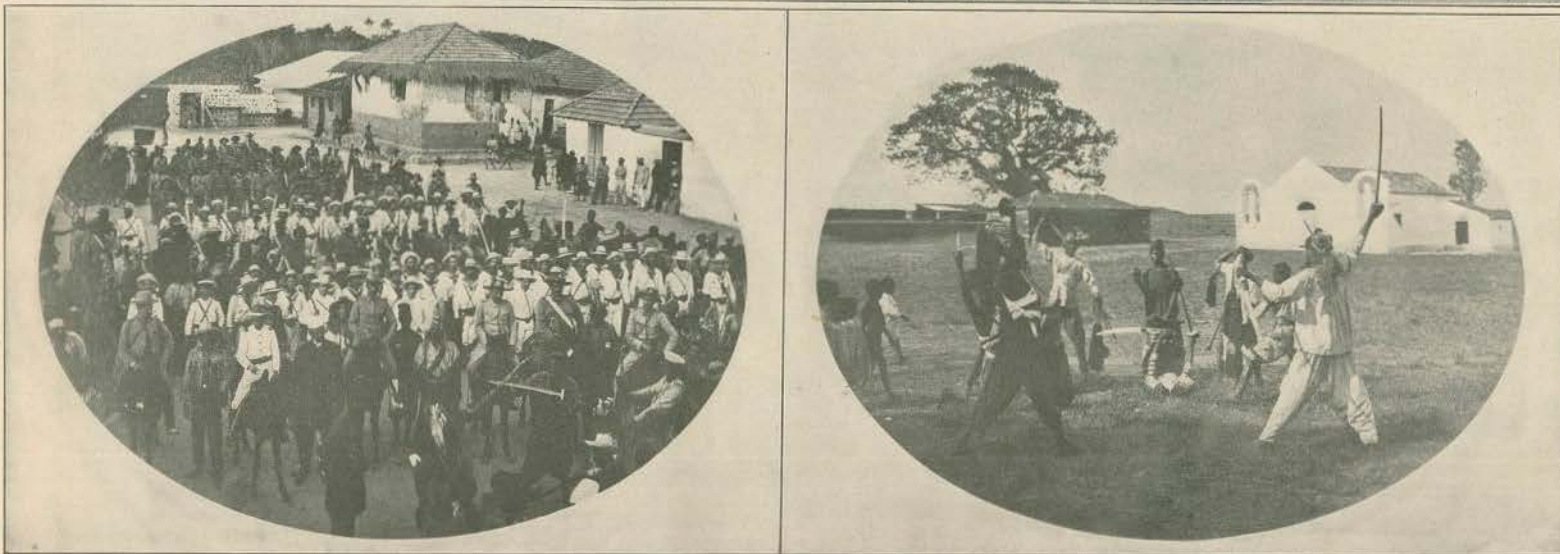
A BENÇÃO DA BANDEIRA NO LUBANGO ANTES DA PARTIDA DAS FORÇAS EXPEDICIONARIAS AOS CUAMATAS

Foi em agosto, sob aquelle sol ardente d'África, diante do governador e em presença de todas as forças expedicionárias que foi hasteada a bandeira que devia acompanhar os nossos soldados como um sagrado emblema da pátria distante. Os dez macheteiros que foram sob o commando do guarda-marinha Duarte de Almeida, com as suas vestes brancas e os seus largos chapéus forma-

vam a direita dos corpos, que respectivamente viam um missionário revestido dos paramentos lançar a sua bênção a essa bandeira de guerra que entre tantos bravos ia atravessar a região deserta e Halla e terra enamatá, a animal-de e a impolito. A bandeira lá estava desfaldada entre a sua escolta, o padre falava aos soldados, um pequeno altar fóra armado além na avenida fronte-

ra ao quartel e quando o sr. governador a recebeu e a entregou ao chefe da expedição que por sua vez a deu ao official que devia ser o seu portador diante a campesha, um frontão percorreu os soldados que, de cabeças levantadas, assistiam á cerimonia. E quando as tropas desfilaram, essa bandeira sagrada desfaldada ao vento era o facilmente glorioso que as conduzia

até essa região onde muitos dos soldados portugueses deviam morrer pela gloria do estandarte, sagrado que nos antea na planície de Lubango, ao sul ardente d'África, diante de todos elles, na hora em que iam para o combate.



COLONIAS PORTUGUEZAS: GUINE

RUA DE S. JOSÉ (BISSAU)—MINISTRO DO REGULO FLUTIM—PALAERA—COM OS REGULOS DE BISSAU—A COLUMNA DE OPERAÇÕES NO CHURO—ESCARAMUÇA DE GRUMETES

Mais do que nunca se debate a questão colonial não só para Portugal mas para as outras nações, em especial a Alemanha que se vê agora a braços com duas rebeliões: a dos otomanos e a dos berreros. O gentio da Guiné portuguesa também se tem revoltado e varias expedições se tem feito, nomeadamente a Cacheu e ao

Churo, tendo tomado a iniciativa d'ellas o ex-governador d'aquella colonia sr. Senechal Martins, que tinha como chefe de estado maior o major Lapa Valente. Ao Ohio deviam ir algumas forças a castigar os indigenas; porem já não partem, tendo o governador que lho bons serviços ali prestou dado a sua demissão.

A Guiné pela variedade de raças que comporta e pela meia civilização dos negros é uma das provincias portuguezas onde mais se deve temer uma rebelião, tornando se por isso urgente e necessaria uma forte expedição que volte coberta de gloria, para garantir a integridade da nossa possessão.



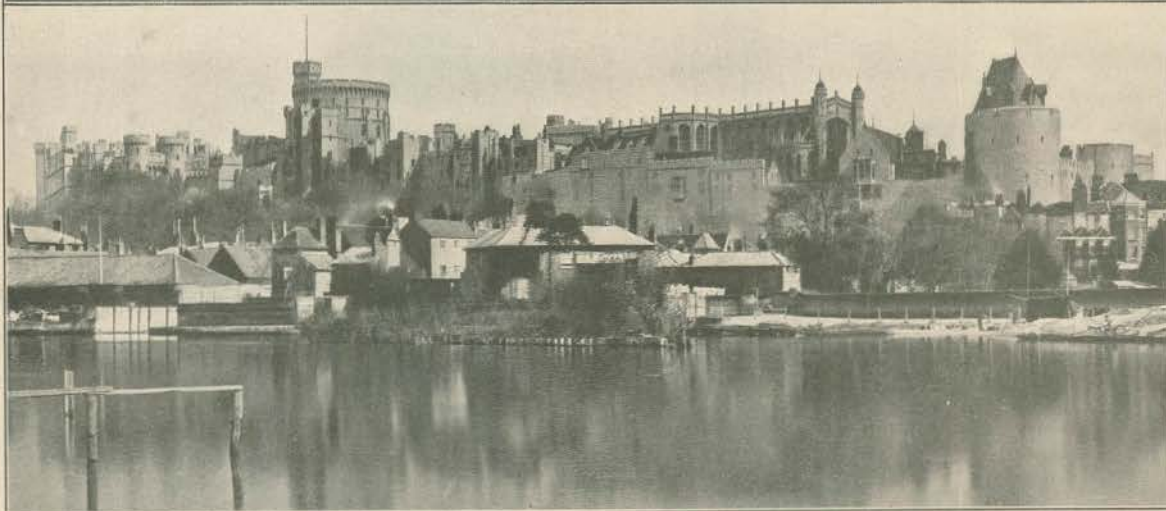
A CORRIDA DE BICYCLETAS E MOTOCYCLETAS NO VELODROMO DE LISBOA EM DOMINGO 23 DE OUTUBRO — O'CONNELL, O CORREDOR ITALIANO
 A primeira corrida foi ganha pelo corredor italiano O'Connell que a disputou ao espanhol Neira. O corredor português Antonio Lopes não tomou parte, no entanto tornou-se deveras interessante o desporto, em virtude de ter sido valentemente disputado. Na segunda corrida de *juvencos* foi vencedor o sr. João Lacerda, a terceira de *seniors* foi ganha pelo sr. Soares Junior e a quarta corrida foi cheia de peripécias e vista com um enorme entusiasmo, tendo o corredor italiano perdido terreno e sendo vencedor o espanhol Neira.



A EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTEMOS NA PRACA DO PRÍNCIPE REAL

Era d'um lindo effeito a exposição no ar livre. Os vasos estavam juntos e havia decorações extraordinárias de petalões que formavam um matiz agradável à vista. Os chrysantemos cremes e vermelhos, brancos e amarelos listr, docemente coloridos ou fortemente tocados, vivos ou esmaecidos, uns de folhas empanachadas, outros de folhas rijas, uns cheios de suavidade outros quasi

agressivos, encantavam a vista e obrigavam os visitantes a deter-se durante muito tempo a receibê-los. Foi grande a concurrencia, levando-se elogios aos exemplares apresentados pela camara municipal e que foram creados no parque Eduardo VII, bem assim como aos que expuzeram a sr.ª marquesa de Gouveia, Edmond Hoegé e D. Virginia d'Avellar.



A VIAGEM DE SS. MM. A INGLATERRA—RESIDENCIAS REAIS INGLEZAS
BUCKINGHAM PALACE—WINDSOR-CASTLE—S. JAMES

Windsor Castle fica no condado de Berks na margem direita do Tamisa e é uma das residencias preferidas dos soberanos ingleses. SS. MM. os reis de Portugal habitaram em Windsor Castle as salas *White Embury room* e *Council Chamber* e *Chambre Presence*, além do salão Van Dyck, que é destinado para as recepções.

O palácio de S. James e o de Buckingham são também residencias de primeira ordem, artisticas e grandiosas, não chegando todavia ao de Windsor que é considerado como um dos palácios

mais maravilhosos do mundo sob o ponto de vista da arte. O salão Van Dyck, cheio das obras primas d'este pintor, que foi o maior artista da escola flamenga, tem um valor incalculavel. Será esse salão o destinado ás recepções de SS. MM. durante a sua permanencia em Inglaterra.

O palácio de Buckingham foi construido entre 1825 e 1838 e de Windsor foi começado por Guilherme o conquistador no seculo 11 e reconstruido por Henrique I e Eduardo III.



SALA DE RECEPÇÃO



O SALÃO VAN DYCK
A VIAJEM DE SS. MM. OS REIS DE PORTUGAL A INGLATERRA—ALGUNS APOSENTOS QUE SS. MM. OCUPARÃO EM WINDSOR CASTLE

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

— O Grande Oriente destituí-me dos meus títulos! Preciso de provar ao Grande Oriente que o meu poder é hoje maior do que no passado! Quero mostrar ao Grande Oriente que não se abanona um homem como eu! Servindo-vos, eu sirvo os meus interesses, as minhas ambições e a minha vaidade! Occupo-me de vós, como quem se occupa de uma vingança!

Francisco Gilles, diante d'aquella magestade offendiça, entregou as armas e rendeu-se.

Como deixar de acreditar na sinceridade d'aquelles gritos rancos, n'aquelles brados de orgulho ferido, n'aquelles olhos inflamados de colera? As suas ultimas desconfianças dissiparam-se — como os fumos de uma salva de artilharia, que um vento dispersa e varre do horizonte — ao descobrir a ferida de vaidade, que sangrava n'aquella alma orgulhosa e sombria! Essa descoberta reduzia, repentinamente, o leão a um cordeiro.

Já sem receio das machinações tenebrosas d'aquello homem, mantido pelo interesse da sua vingança, Francisco Gilles ajoelhou-se, deslocou, aos pés da mesa, cinco tijolos do pavimento e pensou em cima do naco do papéis um pequeno cofre de ferro.

— Quereis contar o dinheiro?

Cagliostro encolheu os hombros, absorto.

Com a cabeça inclinada, o queixo apoiado á mão, parecia ausente e abstracto, caminhando através dos seus pensamentos, a mil leguas de distancia d'aquello ouro e d'aquello homem venalido.

Francisco Gilles abriu o cofre de ferro. O ouro resplandecou á luz das mechas fumegantes do candeiro de azeite.

Cagliostro desviou os olhos do cofre, pareceu acordar da absorvente reflexão, que o contivera, silencioso e immovel, encostado á mesa.

— E se eu vos abandonasse, com o vosso ouro e os vossos papéis? A minha vingança não seria tarrível, acompanhando de perto a vossa agonia, encerrado n'esta mansarda, vigiado pelas *múscas* do Intendente, sem que osasais sair d'este esconderijo, simulando a miseria de um emigrado para occultar as vossas riquezas de embaixador da maçonaria? De potencia a potencia, eu trataria com o Grande Oriente a libertação do seu embaixador! De vosso carcere dietaria as condições da minha alliança! Os meus serviços seriam pesados nas balanças dos meus caprichos! Que me aconselhaes vós, que sois um homem habil?

E os olhos de Cagliostro resplandeciam no antecipado gozo d'essa vingança.

Com a voz trêmula, Francisco Gilles exclamou, n'um alvoroço de medo:

— Mais vale denunciar-me e entregar-me!

Cagliostro caminhou de subito para elle, agarrou-lhe nos pulsos com violencia.

— Jurae que na votação com que me riscaram do conselho dos mestres do Grande Oriente não outon o vosso voto!

Mantietado, como um preso arrastado ao carcere, Francisco Gilles balbuciou:

— Juro!

Sabeis do quem eram os cem votos?

— Não sei.

— Mentis!

— Falo verdade! Demais o deveis saber, vós, que sabeis tudo! A votação foi dos mestres das lojas e eu não sou mestre!

— Tendes razão! — murmurou Cagliostro com uma voz terrível, largando-lhe os pulsos. Sois demasiado pequeno para a minha vingança! Mas lembrae-vos que vos tenho na mão! Não esquecaes que por cada um dos meus serviços me deveis um serviço! A vossa liberdade e a vossa vida são hoje escravas dos meus interesses! Aparecei amanhã ao meio-dia no café do Grego. Se a casa vos agrada, mandae-vos-hoi o caballeiro do duque de Cadaval para vos arranjar um aspecto mais realista. A vossa perna choura de longe á Revolução. Recommeno-vos ainda para que sejas piedoso. Vizitae as igrejas. Examinae os quadros e as imagens, tendo o cuidado de mover os labios, fingindo que rosaeis! O homem que vos mando é o procurador do vosso futuro senhorio. Mostrae-vos generoso sem ostentação. Simulae encontrar a casa a vosso gosto e elogiae-lhe os adornos. N'oste patz, ignorame os requintes da arte e do luxo. Os maiores senhores de Portugal passarão por poltraes n'a corte decadente de Luis XVI. A sua grandeza avaliae-se pelo numero de parasitas que alimentam, a superabundancia de laenates e os cedeiros que teem ao serviço. Séde prudente e discreto. Perguntae a que horas é a primeira missa na igreja mais proxima. Depois vos aconselhareí o modo de vida que vos convem. Engi dos cafés do Rio, evitae os vossos compatriotas!

E do vagar, abafando os passos, Cagliostro encaminhou-se para a porta.

Francisco Gilles disse baixo:

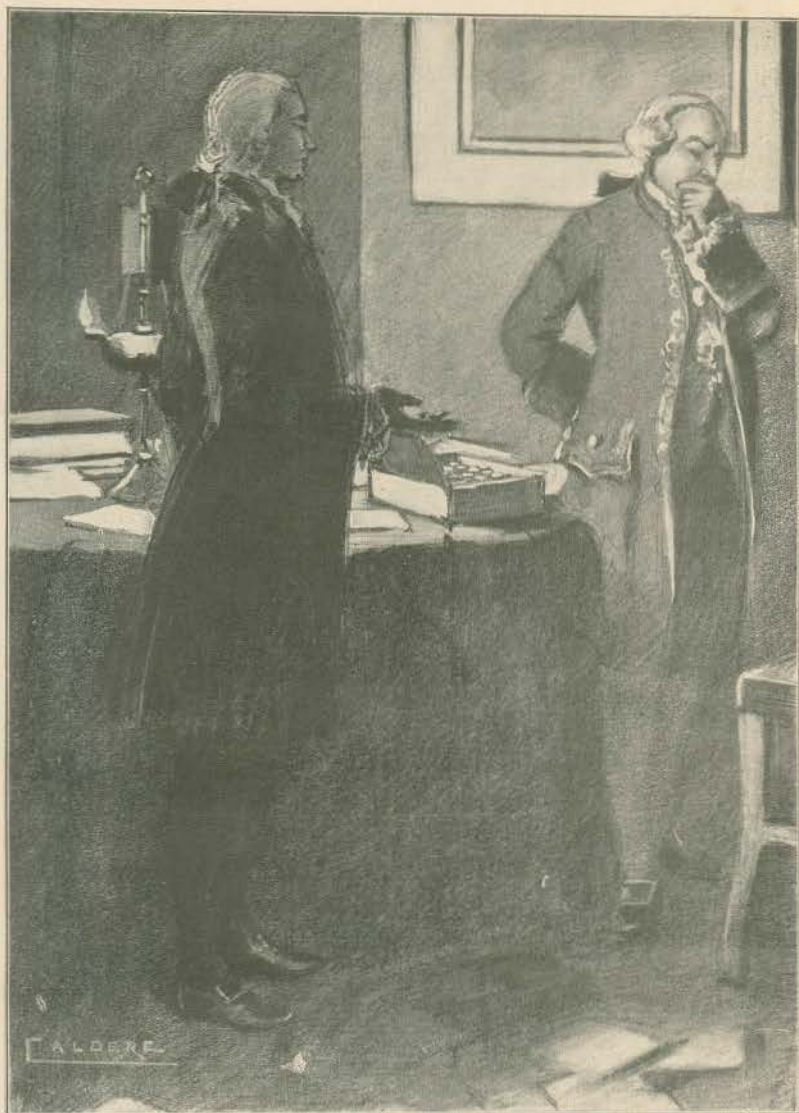
— Esqueceae o dinheiro e os papéis!

Cagliostro parou.

Esqueceae-me de que vos devo ainda esse serviço!

Francisco Gilles estendeu-lhe o pequeno cofre de ferro e os documentos.

— Ao meio-dia!



CAGLIOSTRO DESVIOU OS OLHOS DO COFRE

— Ao meio-dia!

Cagliostro sandou e desapareceu na escuridão do corredor.

CAPITULO VI

O FEITICEIRO

Aconhegando o cofre ao peito, Cagliostro desceu sem ruido a escada ingreme do sótão, caminhou, guiado pelo parede, até á porta do quarto e abaten n'uma cadeira, offogante.

A chuva rromorejava nas vidraças, de caixilhos moidos. A luz de uma vela, que ardia na alcova, illuminava pallidamente, coada pelo reposteiro, o campo do vellido, onde Lorenza chorara as suas lagrimas de arrependida.

Como se viesse de descer os mil degraus de uma torre, Cagliostro sentia a festa humida do suor e tremulho de frio as mãos com que apegava ao peito o seu thesouro, conquistado n'uma lucta formidavel de asincia.

Mas depressa, n'essa natureza de ferro, se extinguiu a emoção. O homem resergui-se placido, correu as linguas das fechaduras em todas as portas, accendeu as duas velas do côro de um candeieiro, pensou os documentos e o cofre, juntamente com as pistolas, em cima de um bufete e encaminhou-se para a alcova.

No grande leito de columnas, sob a colcha de damas-

co vermelho, Lorenza parecia morta. Um dos seus pés pequeninos, com o sapato de tacão escalete, pendia, descoberto, como um brinquedo. A lingua de fogo da vela rosava, com uma illusão de vida, a sua face branca, mosqueada de signaes ao canto dos olhos, da bocca e no queixo redondo. Os seus cabellos loiros, de onde fugiam os polvilhos e as plumas, pareciam desmanchados pelas mãos ardentes de um amante ou pelos gestos de terror de uma agonia.

Cagliostro affastou-lhe para os pés a colcha de damasco, tactou nas fontes e nos bracos da adormecida as pulsações lutas das arterias, e baixo, como debruçado sobre um sepulchro, clamou:

— Lorenza!

A morte permanecia insensível á voz que a chamava. Outra vez, tomando entre as suas as poltres mãos inanimadas, elle segredou no ouvido da morta:

— Lorenza!

E a morte, como se a voz de um anjo a chamasse, estremeceu. Os seus labios brancos entreabriram-se para deixar escapar um murmúrio. As palpebras, como feridas pela luz do paraizo, palpitarão, agitando as suas pestanas de ouro.

Então, Cagliostro curvou-se sobre o grande leito de pó santo.

— Ouvea, Lorenza!

A morte respondeu n'uma voz branda como o rumor de asas de um insecto:

— Ouço.

— Ainda tens medo?
 — Ainda.
 Imperiosamente, comprime-o-lho as mãos, Cagliostro ordena:
 — Quero que não tenhas medo!
 Um fremito passou na face de Lorenza.
 — Ainda tens medo?
 — Não! — disseram os lábios pallidos.
 — Quero que estejas alegre e que sorrias! — mandou a voz imperativa.— Ouves? Quero que sorrias, Lorenza!
 Miraculosamente, na face esvahlida, como uma brisa agitando a superfície de um lago, um sorriso perpassou, foi descendo dos olhos até aos lábios, deixando a alegria no caminho do seu fremito indelevel.
 — Quero que faças consistir toda a tua felicidade no amor do príncipe! Quero que o ames!
 Sempre a sorrir, Lorenza balbucou:
 — Amo-o!

Debruçada sobre a face risotinha, como sobre uma vítima, Cagliostro parecia escutar os proprios estremecimentos d'aquella alma escravidada e ver caminhar o pensamento n'aquelle cerebro.
 — Não é assim que quero que tu o ames! Tu és uma cortezá, sem coração e sem pudor! O teu amor vale menos do que os beijos de uma leprosa! Não é assim que deves amar-o! Tu não tens coração! Quero que o seduzas, que o enleies, que o percas! As mulheres como tu são para os príncipes apenas instrumentos do prazer! Os seus amores chamam-se desejos; as suas paixões chamam-se appetites! Que os teus beijos sejam como visco, onde os seus lábios se immobilisem! Que as tuas caricias sejam algemas, que lhe prendam os braços ao teu pescoco! Que o teu corpo seja um altar, diante do qual elle ajoelhe! Não quero que o ames; quero que o venenizes! Os corpos não a tuca ferir por onde os homens bebem a mocidade e a fortuna das mulheres! Quando a tuca está vazia, atrai-na fora e quebra-na!

Sob essa voz de flagello, que levava a ruína ao seu coração, Lorenza crispava-se, n'uma lucta silenciosa. Era um combate interior, nas regiões mais profundas do seio, sem fúrias e sem gritos, como a agonia de uma pomba mansa sob as garras soffregas e destruidoras de um milhafre.

Não; ella não queria ser essa cortezá impura! Não; ella não queria ser mais o docil instrumento de luxuria, manojado por aquellas mãos inflexiveis e impiedosas! Não; ella não queria acersillar que o arropimento e as lagrimas não rosgatassem os seus peccados! Não; ella não queria convencense de que a piedade do Deus a abandonava!

E a sua alma tentava contugiar de resistencias energicas a sua pobre materia escravidada.

Cagliostro via-a debater-se, arquejante e crispada; seguiu com o olhar essa batalha dos anjos com os demônios.

Mas, aos poucos, aquella agitação foi esmorecendo e socogando, até que Lorenza, vencida, recobrou na sua modorra de somnambula.

Cagliostro sentou-se á beira do leito, passou a mão aberta na fronte humida de Lorenza, n'um gesto orgulhoso de posse, como um leão que toma conta da sua preza.

A chuva continuava a rufar nas vidraças, com o seu rumor de pranto. Nos relógios de Bolem soavam vozes de bronze, annunciando as horas.

Cagliostro parecia, ao lado da sua victima, absoverdo um pensamento distantes e confusos. Mas, subitamente, os seus olhos reacenderam-se, procuraram a face da adormecida.

— Lorenza!
 Ao som d'aquella voz, como se um trovão a abalasse, Lorenza voltou a estremecer.

Curvado sobre a sua fronte pallida, beijando-a quasi, Cagliostro perguntou:
 — Ouves algum ruido?
 Os lábios brancos entreabriram-se.

— A chuva...
 — Não ouvos mais nada?
 — Os sinos...
 — Sobre a escada, no fundo do corredor, até á mansarda...
 — Cantando, até encontrares uma porta... Escuta...
 — Ouves alguma coisa?

— Não...
 — Presta attenção — Has de ouvir...
 — Passos...
 — Nesse quarto ha um homem, com um fraque velho, na porta, uma peruca velha... Vés?

As postanas de oiro tremeram e a ceça disse baixo, com n'um segredo:
 — Vejo!
 — Que faz esse homem?

— Passa...
 — Agitado?
 — Sim... Espera... Parou...
 Cagliostro repetiu, com um echo:

— Pareu...
 — Encaminha-se para a porta... Hesita...
 Os lábios brancos murmuraram ainda palavras intelligíveis e confundiram. Um moço frio advegia a fronte de Lorenza, que parecia expirar em calafrios.

Como um incubo, debruçado sobre o corpo desfallecido de Lorenza, Cagliostro aguardava o final da revelação prodigiosa.

Mas a violenta parecia succumbida. As forças abandonavam-na e ella recubria na sua modorra, com uma respiração oppressa do moribunda.



— QUERO QUE NÃO TENHAS MEDO

Então Cagliostro, agarrando-a pelos pulsos, chamou de novo aquelle corpo a vida que se extinguia.

— Quero que o sigas! Quero que o vejas!
 Um estremecimento prolongado agitou a somnambula, aquella voz que resuscitava os mortos como as trombetas de ouro do juizo final.

— Que faz esse homem, Lorenza?
 Ella inclinou a cabeça. As plumas brancas oscillaram no seu pentado desfeito. O seu seio orvalhou-se de suor.

— Quero que vejas o homem, Lorenza!
 Quasi surda, como vinda de um outro mundo, a pobre voz murmurou:

— Vejo! Abriu a porta... Vou descendo as escadas...
 Cagliostro passou a mão, n'um gesto reconhecido e carinhoso, pela cabeça desfrizada de Lorenza, e apagou a vela na placa da parede. Eón passos cautelosos atravessou a sala, dirigiu-se á porta, abriu-a sem ruido. E sahindo ao corredor, disse com uma voz calma:

— Entra!
 Francisco Gilles não podes occultares nem recuar. A luz do candelabro destacava entre as sombras do corredor, junto á parede, a sua peruca de cadogan e a sua face livida.

Cagliostro repetiu a convite.
 — Entra!
 Então Francisco Gilles deu um passo incerto para a porta, como um homem que caminha para o supplicio.

Cagliostro estendeu a mão para a moza, onde pousara o cofre e os papéis.
 — Levao tudo! Tendes as covardias e os medos de uma mulher!

E como Francisco Gilles permanecia quieto e assombrado, Cagliostro tornou com energia:
 — Apressas-vos! Levao o cofre e os documentos! Torname para a vossa mansarda! Esperae com paciencia a visita da policia!

— Como pudestes adivinhar que eu descia no vosso quarto? — conseguia articular Francisco Gilles, titubante.

— Porque penetrei na vossa alma e via desconfiança dos traços no vosso coração! Porque conheço os homens e comprehendí que pertenciais ao numero das vitorias, que mordem a mão que as salva! Porque tudo em vos denuncia a creatura insidiosa e perfida, que só ca-

minha de noite, que espia pelas frinças das portas e apunhala pelas costas!

Acotado por aquellas injurias, o enviado da maçonaria avançou lentamente para Cagliostro.

— Estas a offender um homem desarmado!
 Cagliostro estendeu o braço para a mesa.
 — Tendes alli as minhas armas! Assassinamo-me!

Francisco Gilles passou a mão pallida pela face livida, balouçou a cabeça.
 — Guardae as vossas affrontas e as vossas armas! Vinha pedir-vos d'esse dinheiro o preciso para as despesas de amanhã e entregaveis as vossas joias...
 — Onde trazeis as joias?

Francisco Gilles arguiu a cabeça com dignidade, estendendo na mão aberta os anella fulgurantes de Cagliostro.

— Está bem! Entrae. Escolhei entre aquellas pistolas a que melhor vos convier. Estou prompto a dar-vos uma reparação pelas armas! Retornem-nos na praia ou em qualquer esquinha!

— Eu não me bato! — disse Francisco Gilles, com simplicidade.



SETUBAL.—SITIO DO CAES DO CARYÃO QUE VAE SER ATERADO PARA A CONSTRUÇÃO DO «PERDE»



SETUBAL.—AS OBRAS DE ATERRO, E CONSTRUÇÃO DA NOVA MURALHA-BAMPA

CHRONICA ELEGANTE

Lisboa va-se animando. Dentro em pouco vão ficar desertas as praias elegantes, a vida do campo va-se acabando e sómente a alguns *chateaus* aristocraticos se pensará ainda na época das cuevas que, entre nós, não são ainda seguidas com grande enthusiasmo. A vida da cidade va-se atrahindo os retardatarios com a abertura dos theatros, os preparativos para a estação de inverno, a inauguração de trabalhos de toda a especie e mesmo a politica, que este anno entrou em scena antes de tempo.

E, contudo, estes deliciosos dias de outomno são encantadores nas sombrias estradas do Cintra e nas espelhotas aguas da bahia do Cascaes, com os esplendidos occosos do sol flamejante, que se soe no horizonte como um globo de fogo.

Mas *la vie nous empoigne*, como dizem os francezes, e o espirito, preocupado com as distrações presentes e futuras, entretido com planos de festas, de *toilettes* e trabalhos para o inverno, não está pro-

priamente disposto ás contemplanções da natureza.

Um dos *claus* da proxima *season* será o chapéu de copa alta, abas grandes, sempregraciosamente levantado d'um lado e guarnecido de ave do parabo com as longas penhas da cauda branca, amarella ou preta, ondulado graciosamente. Mas, ai das senhoras que não são novas e já não possuem farta caballeira para acompanhar condignamente essas graciosas *feetres*, que só podem assentar bem em cabeças juvenis. Para essas, gracas á Deusa Moira, que felizmente se lembra de todos, para essas resta o recurso da *toque*, que é o chapéu unico proprio para todas as idades. A *toque* simples posta na testa, muito levantada e enfeitada atraz é lindissima para as meninas; tem, porém, o condão de ser facilmente modificada; posto a um pouco mais atraz e guarnecendo-a na frente, já assenta bem ás senhoras de certa idade e mesmo ás muito idosas com o accrescentamento de *brides*. É claro que o feltro tem de ser alterado consideravelmente, mas o primitivo typo da *toque* subsiste. O que morreu da todo



SERGIO MACEDO DE BARINCOURT

É já um celebre violinista, como demonstrou nos concertos de D. Amelia, Costa apena 12 annos de idade e é brasileiro. Fez os seus estudos na Italia com Leoncavallo, e na Belgica com Thomson. Apresentou-se pela primeira vez ao publico em Italia tendo apenas 8 annos e ultimamente fez um verdadeiro successo no Rio de Janeiro, tendo sido apresentado por Arthur Napoleão, o grande pianista.

fol a *capota*, hoje apenas usada por algumas senhoras que não querem sujeitar-se a innovações.

Para grande *toilette* dizem que vaes usar-se muito o *feutre* branco ou *gris* muito claro e para a rua principalmente o preto, todo preto apenas com um *boné* de baixo da aba, feito em velludo cor de rosa, azul turquesa, ou *coq-de-pêche* cor de laranja escuro, que será uma das *manças* preferidas na futura estação, mas empregado com a maior parcimonia, em vista do seu colorido em demasia vistoso e berrante. Dames hoje o desenho de um originalissimo *mantean*, muito commodo para vestir á pressa, apresentando a mais perfeita elegancia e novidade.

FIG. 1—*Mantean* de passio cor de *pain brillé* pospostado e avivado de castanho, forrado de setin erme.

FIG. 2—*Toilette* de passeio em *zibeline gris*. *Feutre gris* com penhas de phantasia.

FIG. 3—*Toilette* de visitas em *drap bleu pastel* bordada de seda branca e floc de prata. *Feutre preto* guarnecido de *Liberty* e velludo *bleu pastel*.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3

130-90
-4-